

Brasil, Estados Unidos e o chicote

Nunca se viu os Estados Unidos precisando tanto da ajuda de nosso Brasil. Há alguns anos, os Estados Unidos era uma nação arrogante e orgulhosa de si mesma. Mandava e desmandava em nosso país e no resto da América Latina, nos punindo quando os contrariávamos tal qual um capataz chicoteando os escravos nos tempos da escravidão. Mas o tempo e a necessidade estão fazendo as coisas mudarem.

O Brasil ganhou espaço no cenário político mundial no Governo Lula. Antes coadjuvante, agora ganha espaço como liderança devido a posição de mediador de conflitos entre os vizinhos; de possuir, ainda que temporariamente, assento no Conselho de Segurança da ONU; de desenvolver tecnologias para substituição de combustíveis fósseis, ou seja, produzir álcool e de agora poder passar à condição de país exportador de petróleo.

Isso quer dizer que por esses fatores, que os Estados Unidos volta sua atenção para nós, já que nossos vizinhos não são seus “fiéis” parceiros econômicos desde a ascensão de Chávez ao poder na Venezuela. Bom para eles e para nós. Eles terão combustíveis para movimentar sua economia. Nós teremos dólares para movimentar a nossa economia, gerando mais empregos. Eles terão maior produção de álcool com nossa tecnologia e nós poderemos também ter novas tecnologias em outras áreas científicas.

Mas existem questões “espinhentas” em que ambos lados vão se enfrentar. Do nosso lado, o subsídio dos americanos a seus fazendeiros o que emperra nossas exportações agrícolas e do lado deles seus interesses nas jazidas de metais e na floresta amazônica.

Será que nossas fontes de energia farão com que nossas vontades prevaleçam? É aguardar para ver se o “chicote” é peça de museu ou se ele ainda pode “estalar nas costas” de nosso país.

Autor: Alex Adriano Wulck
(versão original)